

HEBRON CIDADE AMEAÇADA

Sawsan Ramahi

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, o MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Hebron: Cidade ameaçada

Foto de capa: Forças israelenses em Hebron, na Cisjordânia ocupada, em 19 de novembro de 2022 [Mamoun Wazwaz/Agência Anadolu]

Publicado em julho de 2023.

Esta publicação preserva os direitos de copyright dos autores. Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida, transmitida ou distribuída, por qualquer forma ou meio, sem expressa autorização prévia dos detentores dos direitos autorais.



Monitor do Oriente Médio
Estado de São Paulo, Brasil
www.monitordooriente.com

HEBRON: CIDADE AMEAÇADA

Sawsan Ramahi

- Relatório publicado originalmente pelo Monitor do Oriente Médio (MEMO) – Londres em outubro de 2010.

Hebron (Al-Khalil), na Cisjordânia ocupada, é uma das cidades mais antigas da Palestina, quem sabe, uma das mais antigas do mundo, situada na região centro-sul do país. Vestígios arqueológicos sugerem agrupamentos humanos de mais de seis mil anos. Foi governada pelos cananeus entre 4000 – 1200 a.C.. Hebron fica 1.027 metros acima do nível do mar e 36 quilômetros ao sul de Jerusalém. Seu relevo montanhoso se abre para o vale do Jordão e o Mar Morto, a leste, e para a planície costeira do Mediterrâneo, a oeste.

As inúmeras fontes naturais nas encostas e vales ao redor de Hebron provêm às comunidades locais um suprimento regular de água potável. Há pomares por toda a parte, sobretudo oliveiras, vinhedos e outras colheitas adequadas ao solo e ao clima. Tais características atraíram diversos povos no decorrer dos séculos, dentre os quais, a comunidade do profeta Abraão (Ibrahim), sepultado em Hebron. Sua presença confere à cidade um caráter sacro. Atualmente, mais de 200 mil pessoas vivem no distrito de Hebron, que cobre 42 km².

A **Cidade Velha** se caracteriza por prédios históricos das eras aiúbida, mameluca e otomana. Há 150 mesquitas, incluindo a célebre **Mesquita Abraâmica**, ou **Túmulo dos Patriarcas**, além de outros santuários e um castelo antigo transformado em escola pelo sultão Hassan.

A **Mesquita Abraâmica** abriga o lugar de descanso dos profetas Abraão (Ibrahim), Isaac (Ishaq) e Jacó (Yacoub), e de suas esposas, Sarah, Rebeca e Lea, respectivamente, além do túmulo do profeta José (Yusuf). O muro que cerca a mesquita foi construído com enormes blocos de pedra de até sete metros de comprimento por um metro de largura. Acredita-se que sejam as reminiscências de um edifício datado do reinado de Herodes, o Edomita, em 37 a.C.. A Caverna dos Patriarcas, contém os sepulcros dos profetas, citada nas escrituras como adquirida por Abraão por Efrom, filho de Zoar, o hitita.



Mesquita Abraâmica em Hebron (Al-Khalil), na Cisjordânia ocupada
[Issam Rimawi/Agência Anadolu]

Desde o advento da ocupação militar na Cisjordânia, em 1967, Israel busca devagar – embora seguramente – apagar a identidade islâmica do Túmulo dos Patriarcas para asseverar a supremacia judaica. Autoridades israelenses materializam seus planos ao dificultar cada vez mais o acesso dos palestinos à mesquita e estender as preces de sábado realizadas por colonos judeus na sinagoga instalada em setembro de 1968, com intuito de converter este espaço provisório em uma instalação permanente, no lugar da mesquita.

Em maio de 1968, menos de um ano após o advento da ocupação, o governador militar israelense ordenou que o terreno da mesquita fosse aberto à noite para colonos ilegais e que as escadarias, no acesso leste, junto do poço histórico, fossem destruídas, apesar de seu inestimável valor arqueológico. Em 1972, muçulmanos foram proibidos de visitar algumas alas da mesquita, reservadas aos judeus. Em 1991, foi criada uma escola judaica. Israel tomou vantagem de um massacre ocorrido em 1994 para seccionar a mesquita em duas partes: uma para os muçulmanos, outra para os judeus. Esta se tornou uma zona fortificada.

Em **25 de fevereiro de 1994**, sexta-feira, enquanto os muçulmanos realizavam suas orações da manhã, durante o mês do Ramadã, um colono de um assentamento ilegal próximo invadiu a mesquita armado de um fuzil, uma metralhadora e granadas de mão. O ataque ocorreu enquanto os fiéis estavam prostrados no chão. Vinte e nove homens e meninos foram mortos. Estima-se que 120 a 350 pessoas foram feridas. Muitos fiéis se sentiram aterrorizados demais para buscar cuidados médicos e não foram incluídos, portanto, nos cálculos semioficiais – o que explica o número impreciso de feridos. O assassino, um imigrante de Nova York chamado Baruch Goldstein, foi morto pelos sobreviventes quando acabou sua munição. Seu túmulo no assentamento próximo de Kiryat Arba recebe comemorações anuais, venerado como mártir por colonos extremistas. O rabino Moshe Levinger comentou certa vez que tamanho massacre de palestinos lhe afetaria tanto quanto matar uma mosca. [Yisrael Shahak]

Hoje, muitos palestinos evitam orar na Mesquita Abraâmica devido à imposição de arranjos militares complexos por Israel. Visitantes têm também de passar pela Cidade Velha, virtualmente vazia de seus cidadãos nativos – isto é, os palestinos – para “proteger” os colonos extremistas que tomaram o centro de Hebron. Tais fanáticos são armados até os dentes e costumam agredir os palestinos locais com regularidade hedionda, frequentemente sob o olhar conivente dos soldados de Israel.

Caso os muçulmanos decidam se aventurar para visitar a mesquita, têm de passar por um portão externo controlado pelas forças de Israel, submetidos a duas revistas eletrônicas, obrigados a entregar relógios, cintos, telefones etc. A seguir, atravessam alguns corredores estreitos cercados de arame farpado para chegar a um novo ponto de inspeção – desta vez, entregam seus documentos de identidade. Há ainda um outro portão eletrônico no acesso principal do templo. Os judeus passam livremente, têm suas próprias entradas segregadas dos muçulmanos. A ironia de tamanho aparato de segurança – notavelmente discriminatório – é que o único incidente grave a ter ocorrido na área foi perpetrado justamente por um colono judeu contra palestinos muçulmanos, e não o contrário.



Portão de acesso à Mesquita Abraâmica; soldados vigiam o movimento e conduzem revistas detalhadas, em Hebron (Al-Khalil), em 22 de abril 2019 [Mashhor Wahwah/Wafa]

No 16º aniversário do massacre, o governo sionista decidiu judaizar o espaço sagrado (Haram), junto do túmulo de Bilal bin Rabah. A medida buscou alvejar os sentimentos nacionais dos palestinos e marcou uma nova **violação flagrante da Quarta Convenção de Genebra**. A Mesquita Abraâmica é reconhecida como Patrimônio Mundial pela Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (Unesco).



Bandeiras israelenses na Mesquita Abraâmica, em Hebron (Al-Khalil), na Cisjordânia ocupada, em 5 de maio de 2022
[Mamoun Wazwaz/Agência Anadolu]

De fato, os esforços da ocupação para modificar a própria natureza da mesquita infringem também o chamado **Acordo de Hebron de 1997**, assinado por Israel e Autoridade Palestina (AP) durante o primeiro mandato como primeiro-ministro de Benjamin Netanyahu. Trata-se, evidentemente, de um acordo negligenciado por Israel – como muitos outros firmados antes e depois deste.

Segundo Zeid al-Jabari, diretor do Waqf islâmico de Hebron, órgão responsável pelos recursos religiosos, a ocupação continua a alvejar a liberdade religiosa dos palestinos na Mesquita Abraâmica, ao proibir o chamado às orações e impor assédio generalizado aos fiéis.

“As autoridades da ocupação suspenderam o Azan [chamado à oração] na Mesquita Abraâmica, em janeiro, cerca de 54 vezes”, declarou Jabari. Estatísticas de 2009 mostram que as autoridades israelenses e seus colonos ilegais impediram o chamado ao menos 680 vezes, uma média mensal de 57 violações. O chamado às preces é censurado desde então quase toda sexta-feira e quase todo sábado. Trata-se de uma proibição ostensiva para impedir “inconveniências” aos colonos, em contravenção de todas as leis, regulações e convenções que garantem liberdade de culto e acesso livre e seguro aos santuários.

Hebron (Al-Khalil) perdeu a maior parte de seu território durante a **Nakba em 1948**, quando foi criado o Estado de Israel. Na ocasião, a cidade cobria 2.76 km². A província compreende a cidade homônima, trinta e cinco aldeias e 109 pequenas aldeias, além de dois clãs beduínos. Após a Nakba, Hebron perdeu um total de 1.012 km², cerca de 47% de sua área. Dezesesseis aldeias foram ocupadas e em torno de 20 mil pessoas foram expulsas de suas casas. A maioria das terras agrárias de Hebron, na parte oeste, assim como parte do território das colinas, também foi tomada.

Aldeias expropriadas incluem Beit Awa, Beit Maram, Ezna, Beit Ula, Sikka e Alburj. A província perdeu ainda sua ligação com o Mar Morto. Em torno de 143 mil refugiados das terras de 1948 vivem na província.

Hebron em si foi ocupada em 5 de junho de 1967, após a chegada de colonos ilegais aos arredores da cidade e mesmo a seu interior. Há hoje cinco assentamentos:

1. O assentamento exclusivamente judaico de **Tel Rumeida**, a apenas alguns metros da Mesquita Abraâmica. Seus colonos vandalizaram relíquias, reconhecidas como Patrimônio Mundial da Unesco e consideradas parte da riqueza arqueológica da região desde o Mandato Britânico, na década de 1920. Israel permitiu aos colonos instalarem residências móveis nos terrenos em questão, ao declarar “propriedade dos judeus”. Netanyahu deu aval a construções permanentes em 1999.

As famílias de Hebron vivem em estado de tensão desde o advento dos assentamentos. Tel Rumeida parece uma fortaleza cercada por portões de ferro e torres de vigilância, operantes 24 horas por dia, armadas até os dentes. Uma lista extensa de proibições aflige o cotidiano palestino. Ao menos mil residentes nativos convivem com a pressão de seus vizinhos: colonos extremistas e hostis. Quando os colonos atacam – algo comum –, as ambulâncias são impedidas de atender os palestinos.

Os feriados judaicos são explorados pelos colonos de Tel Rumeida como desculpa para atirar pedras contra os palestinos e vandalizar suas portas e janelas. Gritos tomam as ruas. A celebração desta hostilidade é tamanha que parece substituir até mesmo os ritos religiosos.

2. Em abril de 1979, Miriam Levinger, esposa do rabino mencionado antes, liderou uma marcha de mulheres que decidiram se assentar no coração de Hebron em **Beit Hadassah – Aldbuya**, primeiro edifício utilizado como delegacia e centro de detenção pelos otomanos, entregue aos jordanianos e então cedido, em 1953, à Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina (UNRWA). O prédio era uma escola antes de se tornar um escritório da UNRWA.

3. Colonos extremistas ocuparam o colégio palestino **Osama bin Munqiz** em 1981. Então o converteram em uma escola judaica batizada de “**Beit Romano**”, que atende a quase 250 estudantes dos assentamentos próximos.

4. No final de 1985, um enorme bloco de apartamento foi construído perto da feira central, batizado como **Sinagoga Apino Abraham**.

5. Uma antiga área de turismo e lazer perto da Mesquita Abraâmica também foi tomada por colonos para construir suas casas.

Além destes, há dois grandes assentamentos exclusivamente judaicos a leste da cidade: **Keryat Abaa** e **Kharsena**. Os assentamentos israelenses cerca Hebron pelos quatro lados. Há 27 assentamentos na província, ocupando uma área de 8 km² habitada por 18 mil colonos ilegais. Além disso, cinco postos coloniais permanentes repousam no coração da cidade, ocupados por cerca de 530 colonos de extrema-direita.

Checkpoints militares

Há mais de 155 checkpoints militares em Hebron, sete dos quais nos acessos da província. Dentro da cidade há 32 checkpoints, além de outros 39 checkpoints que a separam das aldeias vizinhas. Há também 34 torres de vigilância, quinze portões de ferro abertos e 14 permanentemente fechados. Vinte e quatro barricadas de areia e concreto impedem o tráfego.

Estradas segregadas

Israel construiu anéis rodoviários de uso exclusivo aos colonos ilegais, que tomam cerca de 30% das terras da província. Tais estradas segregadas têm 117.1 km de extensão e seccionam o território de Hebron em quatro blocos principais. As autoridades da ocupação proíbem qualquer construção à margem das estradas, a uma distância de 150 metros. Essa infraestrutura concede contiguidade territorial entre os assentamentos e impõe severas restrições de movimento aos palestinos.



Soldado israelense em um checkpoint militar, em Hebron (Al-Khalil), na Cisjordânia ocupada, em 9 de novembro de 2021
[Hazem Bader/AFP via Getty Images]

O muro

A extensão do muro do apartheid em Hebron é de 72 km, tomando cerca de 55 mil acres de terras agrárias, incluindo poços e fontes de água. O muro parte de Jabaa, no noroeste da província, perto do Mar Morto e passa pelas terras de diversas aldeias – dentre as quais, Surif, Ethna, Tarqumiya, Nuba, Kharas, Der Samit, Beit Awa, Beit Rewish Tahta e Fawqa.

O muro foi construído em duas partes. A primeira cerca os assentamentos de Karmi Thor, Kiryat Arba, Harchina, Thielm, Adora e Bani Hever. Então serpenteia pela província a fim de segregar os territórios palestinos em cantões. Seu objetivo final é criar os chamados “fatos em campo”, ao impossibilitar a contiguidade do Estado palestino.

Economia

As importantes indústrias locais de sapatos, couro, alvenaria e mármore, além da produção de alimentos, foram duramente afetadas pela ocupação. Checkpoints militares, barreiras, assentamentos, estradas exclusivamente judaicas e sobretudo o muro devastaram a economia local e deram espaço a uma enorme fuga de capital.

Presença Internacional Provisória

A “Presença Internacional Provisória” em Hebron constitui uma missão civil de monitoramento, criada após o massacre de 1994. Abrange relatores da Dinamarca, Itália, Noruega, Suécia, Canadá e Suíça, com intuito de monitorar e identificar incidentes ocorridos entre os palestinos nativos e os colonos ilegais. Segundo relatório de Jan Christensen, diretor da missão, as autoridades da ocupação israelense exercem uma política de limpeza étnica em Hebron, cujo objetivo é expulsar os residentes palestinos da Cidade Velha.

Acordo de Hebron

O partido Likud chegou ao poder em maio de 1996, chefiado por Benjamin Netanyahu, firme opositor dos Acordos de Oslo, que sempre proclamou que os palestinos “têm mais do que merecem”. Neste contexto, a Autoridade Palestina realizou concessões sobre o status da cidade, o que incidiu na assinatura do chamado Acordo de Hebron em 15 de janeiro de 1997. O novo tratado a dividiu em duas: uma área judaica no coração de Hebron, incluindo a Mesquita Abraâmica; e uma área palestina, incluindo bairros mais abrangentes. Arranjos militares complexos foram então instaurados para garantir que os 400 colonos radicados na zona central vivessem tranquilamente entre os 120 mil residentes palestinos de Hebron. Tais arranjos fazem da vida dos palestinos um inferno.



Soldados israelenses montam guarda em Hebron (Al-Khalil), na Cisjordânia ocupada, em 2 de maio de 2023
[Mamoun Wazwaz/Agência Anadolu]

A tragédia do Acordo de Hebron

Para assegurar a assinatura do Acordo de Hebron – também conhecido como Protocolo de Hebron –, os negociadores palestinos cederam a Cidade Velha, ao subjugar a Mesquita Abraâmica ao controle militar e administrativo de Israel, além dos territórios tomados pelos assentamentos citados acima.

A situação específica dos assentamentos na cidade ocupada

Os assentamentos de Hebron e em seus arredores são parte de um padrão abrangente que varre toda a Palestina histórica, com raízes no âmago da ideologia sionista. Sob a falácia absoluta de “uma terra sem povo para um povo sem terra”, conquistadores sionistas – judeus e não-judeus – buscaram povoar a Palestina com imigrantes e expulsar suas comunidades originárias. Diversos métodos foram aplicados para criar um vínculo entre os colonos europeus e a terra palestina. A limpeza étnica procedeu por meio de intimidação, massacres, leis expressamente racistas e fraco desprezo pelo direito internacional. A colonização sionista da Palestina histórica demandou ainda uma política de genocídio contra os palestinos.

Os assentamentos no coração de Hebron diferem apenas em detalhes de outros assentamentos espalhados pela Cisjordânia ocupada. Todas as políticas israelenses impostas na região têm objetivo de criar tamanho sofrimento material e econômico que os palestinos se sintam obrigados a deixar suas terras. Aqueles que ficam e resistem são submetidos a uma política que equivale – senão excede – o regime de apartheid.

MEMO



MONITOR DO ORIENTE MEDIO

Criando Novas Perspectivas



monitordooriente.com



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)